

27 JUN 1967

1967
Junho
ANO X
N.º 45



Prop. do CENTRO ESCOLAR N.º 1
Comp. e imp. Tip. CORREIO DA HORTA

ARAUTO

Redacção e Administração: Liceu Nacional da Horta

Editor: DR. TOMAZ DA ROSA

Redactores
Fernando Lima, Jorge Angelo e Manuel Frias

5.º ANO

Administrador
José Avelar Rosa

Na Cinquentenária de Fátima

Fátima altar, do mundo.
Terra abençoada, onde a Virgem se dignou baixar para trazer aos povos uma mensagem de amor. É ela ponto luminoso para onde se dirigem todos os olhos e onde se concentram todas as almas crentes principalmente neste ano jubilar.

A celebração do Cinquentenário das aparições da Virgem aos três humildes pastorinhos marca uma data única na História do Mundo civilizado sobretudo dos povos católicos, que na mensagem de Fátima sentiram vibrar a protecção divina pela celeste mensagem enviada à Terra.

Foram três pastorinhos humildes os escolhidos para receberem da Virgem e a todos transmitiram essa mensagem de amor e de salvação.

Oração e sacrifícios pela conversão dos pecadores pede a Virgem Branca.

Que os homens não ofendam mais a Deus.

Só assim se salvará o Mundo dos castigos do Senhor e as graças concedidas pela Senhora atestam o amor com que esta súplica foi feita.

De 13 de Maio de 1917 ao ano jubilar de 1967, que caudal de graças irradiou de Fátima a inundarem o mundo inteiro.

Em 1942 Pio XII consagrou o Mundo ao Imaculado Coração de Maria, no

vigésimo quinto aniversário da 1.ª aparição.

Fátima tornou-se o centro de toda a Devoção Mariana.

As peregrinações a Fátima bem o revelam.

Quando a Cova da Iria se torna num mar de lumes e a oração dos peregrinos ecoa longe, como súplica ardente que a Deus se eleva, parece que um laço de amor uniu o Céu à Terra e que a súplica da Virgem encontrando eco em todas as Almas fará florescer uma época de paz e de amor que será a salvação dos povos.

Fernando Gaspar
5.º ANO

A Casa de Habitação em Santo António do Monte

A casa típica da aldeia de Santo António do Monte (Calhau) no Pico, ainda há uns trinta anos, era essencialmente, o que vou descrever.

Compunha-se de uma «sala de fora», (a sala de visitas), cujos móveis consistiam geralmente, numa mesa sobre a qual havia quase sempre um nicho com estampas de santos, um cruxifixo que assistira à morte dos antepassados e uma imagem do Menino Jesus que se tirava pelo Natal para se colocar sobre um altar. Diante dela, um tapete de retalhos ou de penas coloridas dava uma nota de conforto ao ambiente. Cadeiras ou bancos uma caixa pintada onde

se guardava a roupa branca, por vezes um arquibanco, completavam o mobiliário. Do lado de dentro da porta, um capacho, feito com trança de casca de milho, servia para limpar os pés de quem entrava.

Da parede pendiam vários quadros entre os quais era vulgar ver-se uma reprodução da Conceição de Murillo. Numa ou noutra casa havia uma moldura com a estampa dum santo enfeitada de minúsculas flores de papel, obra de algum artista local ignorado. Numa prateleira, um antigo relógio de pesos, marcava as horas.

Em algumas casas havia junto da janela um «caixilho» (espécie de poial) de madeira, com tampa. Era ali que muitas vezes se guardava a lata com figos passados e o garrafão com aguardente que se serviam nas grandes ocasiões: visitas do pároco ou do professor, mantança do porco, etc.

Na «sala de dentro» (a sala de jantar) reinava a mesma simplicidade: uma mesa, à volta bancos compridos ou redondos, por vezes um armário ou uma barra.

Quem passasse pelo caminho, podia apreciar nas janelas cortinas de renda antiga ou de chita.

Ao lado situava-se a meia água onde dormiam os mais novos. Também

História do Petróleo

Os primeiros testemunhos de uma familiaridade do homem com o petróleo vêm-nos das antigas civilizações do Próximo e Médio Oriente. Os achados arqueológicos confirmam a este respeito a tradição literária. As fontes de nafta abundavam em certas regiões da Mesopotâmia; o asfalto era recolhido no Mar Morto e nas margens do Cáspio. A tradição bíblica lembra constantemente técnicas próprias da Mesopotâmia, quando mostra a arca do dilúvio calafetada com

betume, ou os tijolos da Torre de Babel assentes em argamassa betuminosa.

As superstições primitivas deificavam com facilidade o fogo nos seus diversos aspectos. Nada parecia mais sobrenatural do que as inflamações caprichosas que nós chamamos gás natural. Para os antigos, os hidrocarbonetos eram de essência divina.

Os usos profanos das diversas formas de hidrocarbonetos naturais—betumes, naftas, asfaltos—deixaram

(Conclui na 2.ª página)

(Conclui na 3.ª página)

História do Petróleo

(Conclusão da 1.ª página)

numerosos traços. De entre as regiões da cultura antiga, a Mesopotâmia é das últimas a ter sido sistematicamente explorada pelos arqueólogos. As primeiras pesquisas sérias não datam de mais de 50 anos.

Encontram-se nos mais antigos túmulos do século VI, na Suméria, restos de cestos impregnados de betume; em Susa são esteiras impregnadas que se encontram às vezes nas sepulturas. Nas artes fúnebres eram os Egípcios que maior uso faziam do betume.

A inflamabilidade da nafta, se marcou muitíssimo as imaginações supersticiosas, foi aí, prosaicamente, posta em uso pelos militares. Vemos o petróleo muito cedo utilizado como líquido incendiário, só ou associado ao enxôfre, a pez, pólvora, resinas, carvão.

Na história do Oriente, em diversas épocas, o engenho auxiliar decide da sorte das batalhas pela ciência dos fogos artificiais. Os malefícios do fogo agravam-se com o terror que inspirava o domínio deste elemento inimigo. A importância destes artificios não deixaria de aumentar durante toda a Idade Média, nos campos de batalha orientais.

O «lume grego» entra em cena no fim do século VII.

Pouco a pouco, contudo, os fogos líquidos, fogos voláteis, fogos autómatos e outras chamas guerreiras perdiam a sua importância; as formas de mistura explosiva sólida, as polvorinas estavam prontas, precedendo pouco a pouco a pólvora de canhão propriamente dita. Durante alguns séculos o petróleo deixou de contar na piroténia. Reapareceu de diversas maneiras no decorrer das duas recentes guerras mundiais.

Os petróleos aromáticos forneceram em grande parte a matéria prima dos explosivos clássicos, a melinite e a T. N. T., prepara-

dos a partir do benzeno e tolueno.

A lista dos usos antigos do petróleo não se encerra aqui. Teve muitos outros, pouco difundidos na verdade, porque a nafta foi durante muito tempo pelo menos no Ocidente, uma matéria cara, quase uma curiosidade.

Os pintores, os douradores, os vernizadores apreciavam o seu poder dissolvente.

A arte médica deu outra ao betume as suas mais surpreendentes utilizações. Esta droga figura na maior parte das farmacopeias antigas.

Os espíritos supersticiosos viam virtudes mágicas no óleo negro vindo de um domínio tido como apanágio de seres sobrenaturais.

O grande movimento de gente e dinheiro que fez a epopeia do «ouro negro» começou nos Estados Unidos. No entanto não foi nos E. U. como geralmente se julga que apareceram os primeiros usos modernos do petróleo: iluminação e lubrificação.

Na Suíça em 1721 calceres betuminosos exploravam-se, dos quais se obtinha por calcinação um óleo e um alcochão.

A partir dos primeiros anos da segunda metade do século XIX o petróleo era conhecido, explorado e apreciado na Europa. Servidos pela sorte, a riqueza natural do seu solo em óleos e espírito empreendedor, os Americanos colheram os frutos do movimento de interesse no Velho Mundo.

Edwin Laurentine Dacke, homem muito estranho que teve diversas profissões, em 27 de Agosto de 1853 a sorte favorece-o finalmente. De um furo com 23 m de profundidade o petróleo jurou. Correu notícia de que um maná de óleo brotara em Tksville. O rumor atinge os arredores populosos, propaga-se até as terras de oeste. Não tarda a mobili-

zação de quanto a América contém de aventureiros. Em poucas semanas, todo o vale transformado em estaleiro, torna-se pasto dos prospectores. Os mais pobres de inteligência atacam o solo à sacholada; a maior parte sonda a pé; o varão de ferro suspenso por um balanceiro é alternadamente projectado contra o solo por um movimento de pedal, e levantado de novo pelo peso do balanceiro. Alguns mais favorecidos não tardam em munir-se de cabrestantes a vapor.

Mas estranhamente no meio deste século em que os jogos do petróleo perderam bastante da sua importância e da sua cor de aventura, na França, o Saara novo Far-West, permite um renovô de veia épica.

Muito tempo se sonhou fazer do Saara um mar interior. Mas o milagre é diferente. Em lugar de navios imaginários navegando sobre antigas pistas de caravanas, torres de propecção começam a erguer-se.

J. E. Costa Pereira

7.º ano

Porquê?

Neste recanto da Terra onde vivemos, a noite estava gelada.

Não me sentia bem em casa.

Fui dar um passeio ao cais, para que o ar frio me desse um pouco de refúgio. O barco tinha partido.

As pessoas que estavam no cais iam-se dispersando aos poucos, mas houve uma rapariga que continuava olhando o mar.

Observei-a e vi que aquela despedida não tinha como para mim uma simples finalidade de distração.

Havia algo de mais profundo, e pelo seu olhar triste assaltou-me o espírito uma interrogação amarga. Porquê?

Comecei então a deixar de ser eu para ser aquela a quem alguém muito querido tinha partido Porquê?

Porque haverá separações? Tantos corações que se partem por uma difícil separação. Porquê? Corações jovens que sofrem, e neles só devia reinar alegria!

Senti os olhos húmidos, olhei à volta, e aquela rapariga já se tinha retirado. E eu agora sofria, talvez tanto como ela. Porquê?

Luzia Neves Cardoso

Notícias da M. P.

Torneio Literário

Pela delegação da M. P. foi promovido um Torneio Literário para filiados sobre Nossa Senhora de Fátima.

Salientamos a iniciativa oportuna.

Acampamento da Páscoa

Realizou-se este ano na Ribeirinha com a participação de trinta e oito filiados.

Alvorço, alegria!

Enfim todas as manifestações próprias da satisfação, que invadia aquele nosso grupo, antes da partida para mais um acampamento organizado pela M. P.

Após um período de trabalho exaustivo, eram jus-

tos aqueles dias de distração e «vida nova».

O local do acampamento era magnífico.

Uma vegetação exuberante, rodeava de mãos unidas, aquela clareira, onde as barracas se erguiam tranquilamente, sob um tempo maravilhoso e escaldante.

Rádios e gira-discos, lançavam ao ar as suas canções alegres, que traduziam bem, o estado de espírito dos filiados.

Como numa colmeia, todos faziam o trabalho que lhes competia.

A saúde do corpo também não era descurada e eis que o alvorecer de cada dia, vê o desfilar dos

(Conclui na 4.ª página)

A Casa de Habitação

(Conclusão da 1.ª página)

lá se podia notar uma prateleira ao canto e, sobre ela um candeeiro de petróleo, com o seu vidro bem limpo e, na parede, quadros de santos ou um cruxifixo. Era lá que se desenrolava a esteira que se estendia à noite na sala, para seroar.

A cozinha, de tecto formado de tábulas afastadas cobertas de telha a fim de dar saída ao fumo, pois era raro haver chaminé, tinha o pavimento de terra batida ou de grosseiras lajes.

Todo o espaço era aproveitado. Num canto ficava o forno e, ao lado o lar de pedra, extensa, sobre o qual se punha a «baça» (espécie de pote de «madeira» com tampa). Noutra canto arrumava-se a lenha.

Havia também uma amassaria de pedra com a celta de amassar o bolo em cima, uma «sebilha» (talha de barro) para água e um armário que às vezes dava também para o quarto de jantar. Em algumas cozinhas ainda se podia notar a existência duma atafona que ficava do tempo em que não havia atafonas de vaca para transformar em farinha o milho, quando o vento não fosse suficiente para fazer girar os moinhos. Noutras havia uma cantoneira em que se arrumava a bilha do petróleo, a lata de banha de porco, uma lamparina de lata e outros utensílios. Na janela, mais rústica que as outras, cortinas de chita alegravam o olhar.

No primeiro piso ficava a loja, de terra batida. Ali havia tabuleiros com batatas, caixotes com feijão balseiros com milho, pipas com o vinho da última colheita e o indispensável barril de vinagre para temperar os caldes durante o ano.

Rente à parede viam-se uns suportes onde se colocavam os caniços se, por acaso, havia algum pescador na família. Destacava-se numa trave, um gancho onde se pendurava o porco no dia da matança. Nesse dia, o chão era atapetado com fetos ou agulhas de pinheiro.

Ladeando a casa, um modesto pátio coberto de cascalho com jardins rudimentares limitados de pedras da costa, dava nas vistas a quem pela primeira vez lá entrasse. Muitas vezes quando as paredes não eram caiadas, trepadeiras subiam ao longo da casa atingindo, no geral o telhado. No balcão da cozinha ou da sala duma outra casa estavam especados vários toros que sustentavam uma latada onde, no fim do Verão, se viam pendentes, grandes e saborosos cachos de uva.

Ao lado da cozinha encontravam-se currais para o porco, para a cabra e para as galinhas e, ao fundo, uma horta sombreada por um arassazeiro, uma laranjeira e, por vezes, uma figueira de figos pretos, onde se cultivavam couves, nabos, salsa, hortelã e todas as hortaliças necessárias para prover a cozinha durante o ano, assim como algumas plantas medicinais: néveda, salva, manjerona, losna.

Contudo, o aspecto das habitações de Santo António do Monte modificou-se muito, sobretudo nas cozinhas, depois do tornado que em 1940 destruiu parte da aldeia.

As pessoas reconstruíram as suas modestas casas, tornando-as mais confortáveis. O piso das cozinhas passou a ser de cimento ou madeira, o forno foi feito na rua e sempre com chaminé anexa. Os mesões e as amassarias passaram a ser de cimento e até de marmorite. Chapas ou fogões substituíram os primitivos lares.

E nos últimos anos têm-se notado uma crescente melhoria da vida do povo. Por conseguinte as famílias têm adquirido mobiliário mais completo e moderno, embora sempre modesto. E até já algumas casas tem quarto de banho e sobrado encerado. As antigas cortinas de renda e de chita foram substituídas por frescas cortinas de cassa e nos

A VERDADE NO ROMANCE

de Júlio Dinis

Júlio Dinis comunicou às personagens criadas nos seus romances «As Pupilas do Sr. Reitor», «A Morgadinha dos Canaviais», «Os Fidalgos da Casa Mourisca» e «Uma família Inglesa» — o seu carácter, a sua maneira de ser.

Homem de sentimentos naturalmente bons, infundiu nelas um espírito de bondade talvez invulgar.

As «Pupilas», a «Morgadinha» e os «Fidalgos» descrevem a vida do campo. Mas, enquanto que as Pupilas focam as classes mais modestas, a Morgadinha retrata a vida das classes rurais mais elevadas, ao passo que «Os Fidalgos da Casa Mourisca» nos mostram a vida de fidalgos de província. Pelo contrário uma família Inglesa põe-nos em presença do ambiente dos meios burgueses do Porto, da vida da cidade entre os comerciantes ricos.

O romance de Júlio Dinis é idílico, pois nos fala sobretudo da vida do campo como um ideal felicidade.

As suas personagens são pessoas boas, algumas delas bastantes idealizadas como por exemplo a Morgadinha e a Jenny da família Inglesa.

O realismo na sua obra aparece sobretudo, não na descrição minuciosa da natureza, mas na narração pormenorizada das cenas, nomeadamente de certos costumes da vida aldeã, tais como a desfolhada, a vida da taberna, e ainda na descrição dos interiores domésticos.

balcões onde antes se via cascalho ou bagacina, apreciamos hoje pavimentos cimentados, embora continue a usar-se o cascalho e a bagacina.

RENATO LEAL

4.º ano

Num estilo simples e vulgar, conseguiu produzir uma obra de notável valor pela intensidade psicológica das personagens e pelo interesse do enredo.

Há críticos que, encarando o mundo pelo prisma do mal, nos afirmam que Júlio Dinis criou um mundo falso. Mas, se nós olharmos os homens pelo prisma oposto, encontraremos na sua obra a expressão de uma inegável verdade humana, a tendência para o bem, tendência essa que muitas vezes eleva o homem a grande perfeição, apesar da existência do mal.

Note-se no entanto, que o romancista não nos apresenta unicamente figuras ideais, mas também criaturas com alguns defeitos, às vezes de certas proporções. E nós bem sabemos que na vida real existem pessoas de bons sentimentos, pois o mundo não é feito apenas de maldade.

Pode objectar-se que nos romances de Júlio Dinis o bem triunfa sempre vindo a verificar-se finalmente a ausência dos grandes males morais.

Deste facto não se pode concluir que seja falso o conteúdo das suas obras, mas que nelas não se exprimem todos os aspectos da realidade.

Perguntamos: nas obras dos escritores que só nos mostram baixezas perversidade, devassidão... está lá toda a verdade humana?

É melhor não respondermos.

Respondam as criticos... E respondam também a isto: porque é que no nosso tempo, em certos sectores da critica literaria, se considera apenas o mal como único aspecto da realidade autentica?

Maria do Carmo Moniz da Rosa

7.º ano

A Morte

Um dia vagueando pelas ruas só e triste avistei o o portão do cemitério. Resolvi entrar não porque lá repousassem algum dos meus antepassados mas porque julguei poder dirigir as Céus uma prece por algum daqueles que lá encontrou a sua última morada.

«Entrei! Que desolação! Até as cruzes encimando cada campa, apesar de brancas, eram tristes e as flores que em qualquer outro lugar dariam uma nota alegre só deixavam no ar um perfume doentio e nauseabundo.

Senti-me então ainda mais triste e continuei sempre andando a passos lentos, ora olhando a fotografia de algum ser que tinha partido ora alongando o olhar por entre campas (e mais campas) que davam à luz do dia uma tristeza sepulcral.

De repente estaquei! Na minha frente, numa campa havia qualquer coisa diferente; não era coberta de mármore como muitas; não era mais do que um bocado de terra, tinha uma cruz branca e poucas flores desfolhadas e murchas, mas lá havia um epitáfio, um triste epitáfio: «Aqui jaz uma jovem de 17 anos de idade».

Oh! A dor apertou-me a garganta; senti mesmo os olhos húmidos, deixei de pensar e ouvir, na minha frente só conseguia ver «17 anos» e aquela idade martelava-me na cabeça. «Porquê? Porque ela é não eu? Levantei os olhos ao Céu e ao mesmo tempo que os baixava à terra senti o coração arder e gritar: — «Oh! morte, oh! morte cruel porque destróis a vida dum jovem?»

«Oh! morte, porque desfazes todos os sonhos? Porque tornas em pó um corpo belo e novo? Porque morte? Porque não levaste, em vez dela, aquele velho que passa frio e fome, que não tem amor de ninguém e que deseja o descanso

eterno. Porquê ela e não eu se tenho 17 anos se sou jovem como ela? Porquê morte? Responde-me então!»

Caio em mim. De que serve gritar à morte que me fale! Para quê? Ela cumpriu a ordem de Alguém Superior que assim o quis!

Ela, essa jovem morta, tinha poucas flores desfolhadas e murchas na sua campa. Eu talvez tivesse rosas vermelhas e violetas na minha, mas foi ela e não eu! Por mim talvez alguém chorasse, por ela nem uma viva alma parece chorar; a campa está deserta. Ajoelhei na terra húmida e rezei, rezei por ela, por essa rapariga para que Deus a tivesse a seu lado.

Sai do Cemitério mais triste, mais amargurada, oprimida por uma grande dor. Continuava vendo «17 anos» e pedi a Deus: «Não me leves ainda meu Deus, não me leves ainda, quero chegar ao dia em que tudo será realidade, depois... depois podes levar-me, não precisarei viver mais».

Mas por que será que temos a morte? Porquê? Todos nós sabemos que é uma realidade, que tudo terá um fim, para quê desesperar? Façamos o possível por viver bem, gozar o que há de belo e puro na vida, à sombra do nosso ideal e poderemos esperar a morte confiantes pois é morrendo que se ressuscita.

Voltei então a pensar naquela jovem morta na flor da vida. Olhei o Céu e disse para mim: «Talvez assim tenha sido melhor, Deus quis poupar-te à miséria humana, a este mundo triste e feio que na sua lama nos quer afundar, mas nós com Ele vamos de vencer. Não venceremos a morte. Mas a nossa alma, como imortal, vencerá, pois é eterna, e porque é morrendo que ela há-de ressuscitar.

Maria Luísa da Cunha Luís

17.º B

O ESPÍRITO do Velho do Restelo

Sob um Céu plúmbeo, as vozes elevaram-se gradualmente e uma multidão sofucada pelo pranto, comprimia-se para ter mais perto do coração o ente querido que, talvez, Deus o sabe não tornasse a ver.

Quadro maravilhoso e emocionante, o do Restelo!

Notícias da M. P.

(Conclusão da 2.ª página)

movimentos mais ou menos harmoniosos de preparação física.

À hora das refeições, ouvem-se protestos, motivados pela demora da comida, mas a sua chegada a todos acalma. Há que salientar a sua qualidade, que justamente deve constituir um motivo de orgulho para o cozinheiro que tão bem se soube adaptar, de modo a satisfazer as exigências de tantos importantes.

Uma palavra de admiração e gratidão, deve ser igualmente dirigida ao comando deste acampamento e dum modo muito especial ao José Avelar, pela forma como soube manter e conduzir o bom funcionamento das actividades de cada dia.

Igualmente queremos agradecer a boa vontade e a colaboração dos habitantes do lugar que tudo puseram ao nosso dispor, bem como as visitas que eles e muitas pessoas da nossa cidade nos fizeram, contribuindo para a alegria e animação do acampamento.

Ao fim e ao cabo, trinta e oito rapazes que não ficaram desiludidos com o decorrer daqueles cinco cativeiros dias e que viram justificada a esperança com que aguardavam as férias da Páscoa, trinta e oito rapazes que recordarão com saudade aqueles breves dias.

Um filiado

Mulheres de semblantes macerados, olhos encovados e brilhantes de lágrimas velhas de face encarquilhada, olhos apagados, cabisbaixos devido ao peso dos anos, a dor e com vergonha das suas lágrimas.

Mas decididos, embora com uma névoa de tristeza no olhar, e o coração a desfazer-se pela dor, lá partem esses arrojados lobos do mar.

Estreitam uma vez mais as mulheres, as mães, os filhos num último adeus, bebendo-lhe as lágrimas salgadas como aquele mar que tanta amargura lhes trazia, e com firme decisão entram nas naves que levariam a Fé e a Cruz de Cristo.

Entretanto cada um julgava ouvir no seu coração a voz de Deus a dizer-lhe:

— Eu vou convosco, coragem.

Eis que desfraldando as velas as naus vão deixando a Pátria bem amada.

Surge neste momento entre a multidão que ficava na praia chorando, um velho de aspecto respeitável, que, elevando a pesada voz, censura tão louco empreendimento, considerando-o como fruto da ambição humana e, dizendo que se afinal os Portugueses desejavam um Império, riqueza glória, pelear contra o infiel porque iam para tão longe? Se tinham ali às suas portas um inimigo digno de tal adversário.

Este episódio criado por Camões representa por um lado a condenação à ambição humana, por outro uma corrente política que defendia a formação de um Império no Norte de África, e pode ainda comparar-se àquelas pessoas sem espírito jovem, sempre pronto a criticar tudo o que é progresso ou inovação, quer material ou intelectual, só porque dantes não era assim.

Avelino Santos Silva

São assim os Estudantes...

Conclusão da 6.ª página

CARTAZ

— Continua em cena a famosa peça de Shakespeare «ROMEU E JULIETA»

— Está a registar grandes enchentes a conhecida revista que se exhibe ás quartas-feiras «ZERO, ZERO, ZÉ... ORDEM PARA AMAR.»

— Continua a apresentar-se com certo êxito a Revista Infantil «COITADO DO ZÉ MARIA»

Perguntas inocentes

— Qual é o sextanista que por receio de ir uma piada a seu respeito para o ARAUTO anda neste dilema: ou corta a sua respeitável barba ruiva ou persiste no seu crescimento de micras por semana?

— Quem é o Peneirez que olha muito p'ra Pirez?

— Qual o aluno do 6.º ANO que, quando toca a campanha para a saída,

caminha com tanta «velocidade» que, ao transpor a porta da sala, encontra já o professor do tempo lectivo seguinte?

— Qual é o finalista que tem a mania do físico?

— Quem é o novo campeão de pesados e medidas de meio litro?

Benefícios e Malefícios da Aviação

Voar, desejo humano que se perde na bruma dos séculos, ambição de vencer a natureza, de imitar talvez esses animais que se cruzam no espaço.

Desde Icaro, personagem mitológica, que se aventurou no espaço com as suas asas de cera, de Leonardo de Vinci, o primeiro a desenhar um avião, de Júlio Verne e os seus livros de fixação científica, do Padre Bartolomeu e da «Passarola», da primeira descolagem dum avião em Paris, conseguida pelo Brasileiro Santos Dumont, tem havido tão grandes aperfeiçoamentos, que se chegou a esse jacto moderno de velocidade supersónica. O homem conseguiu vencer a gravidade elevando-se no espaço; mas primeiro houve que trabalhar, vencer dificuldades, que passar sucessivamente duma teoria do mais leve que o ar à do mais pesado, para o conseguir.

A aviação é uma grande conquista, mas posta ao serviço do homem nem sempre foi utilizada para seu

benefício; assim, na primeira grande guerra, começou o seu trabalho, destruidor em bombardeamento de cidades e aldeias; mas é na segunda guerra mundial que a sua obra maléfica atinge o auge, com a destruição de Hiroshima, cujas vitima ainda hoje servem de cobaias nos laboratórios médicos.

No entanto, o avião é um grande obreiro do progresso, ligando regiões isoladas, com inserível rapidez. É o mais rápido meio de transporte, embora ainda não se tenha conseguido, um grau de segurança satisfatório, o que provoca quedas catastróficas. Beneficia o homem transportando socorros médicos ou alimentos, ou unicamente deslocando turistas e todos aqueles que por qualquer motivo necessitam de viajar sem perda de tempo.

É grande o caminho percorrido, mas deve ser ainda maior a senda a trilhar. Trabalhem pelo progresso, a bem de todos.

Maria da Conceição Nunea de Medeiros
(5.º Ano A)

Amor e Futebol

Há um menino do 7.º ANO que não faz senão falar na bola. No entanto, porque conseguiu desde o Carnaval umas entrevistas têm rareado os seus já tão afamados discursos que se faziam ouvir na Praça do Infante.

Mas, por recentes informações soube-se que a pequena emigrou para a América... e então o nosso finalista terá de continuar a falar sobre futebol e nós a escutá-lo. Será só até o próximo Carnaval?

Notícia

Importante

O célebre e afamado cantor Elvis Presley pôs os seus dotes de grande artista ao serviço de reclame das já muito conceituadas máquinas Oliva.

UM FUTURO CAPELENSE

— Circulam rumores de que um notável letrado florentino se está a interessar pelo vulcão dos Capelinhos e aprecia imenso tudo o que se relaciona com a freguesia do Capelo.

CONCURSO

O Rei e a Rainha do Yé-Yé

J. C. Pte. e Manuela L.
foram os eleitos

Damos hoje o resultado do concurso Yé-Yé que ARAUTO abriu nas colunas do seu último número.

Houve luta acérrima entre o par J. C. Pte. Manuel L., do 6.º ANO e o par A. Ave M. e Ma. da C. L. do 7.º ANO. No entanto, aquele conseguiu sagrar-se vencedor por mais dois votos.

Em terceiro lugar aparece-nos o par constituído por J. Dt. do 5.º ANO e Fil. F. do 6.º ANO.

Soluções

das Palavras Cruzadas

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1	I	N	T	R	I	C	A	D	O
2	R	O	I	A	A	V	I	R	
3	I	R	A	L	O	L	A		
4	S	A	L	I	S	I	R		
5		C	A	C	A	U			
6	C	A	R	E	I	D	A		
7	A	N	U	T	A	P			
8	I	D	A	S	P	E	R	O	
9	R	A	R	A	M	E	N	T	E

Soluções do Passatempo

Paris; Bucareste; Copenhaga; Dublin; Viena; Roma; Moscovo; Tirana; Londres; Lisboa; Budapeste; Atenas; Varsóvia.

Última Hora

Um septanista também emigrou...

O movimento emigratório faz-se sentir por toda a parte. E a comprová-lo temos o caso de um septanista que abdicou da nacionalidade «lusa» para optar pela «flamenga».

CINE GRACIOSENSE

está a apresentar com assinalado êxito
o filme do ano

O Homem que não sabia amar...

a história de um rapaz abstracto ao AMOR que num belo dia sentiu a necessidade de AMAR, embora fazendo-o de maneira cronometrada.

São intérpretes :

DECK BYCICLE E ANITTA MORENA

Nunca tal se pensaria

do senhor da sobrevivência...

Conhecem, tenho a certeza:
Ele de cabelo à francesa,
tem ar d'existencialista
mais ou menos moderado;
parece já diplomado.
Ela é quase finalista.

Neste século atómico,
com o seu amor platónico
(p'la primeira vez usado),
o já dito cientista,
aluno mas septanista,
virou em enamorado.

Numa ou noutra tarde amena
passeia com a pequena:
vão por Vales, passam Fontes...
exagero um tanto ou quanto
porém ao certo eu garanto,
sonham novos horizontes.

Um admirador do amor platónico

Aconselhamos...

aos alunos de ciências do 6.º ANO o uso de armaduras medievais (ou fatos espaciais para os que levam a sério os progressos da era atómica) a fim de se precaverem contra possíveis e imaginárias reacções no campo da química experimental.

Fundamentamo-nos numa recente experiência levada a efeito por um aluno e que mesmo realizada junto à chaminé pôs em perigo a integridade da aula.

Adivinhem

Ambos olham um p'ra o outro

Ambos têm sorriso tenro.

Ela é do sexto ano

E ele é do ensino exte-

no.

É na Ladeira do Relógio...

Não rima mas é verdade.

O ARAUTO nas aulas

Na aula de Filosofia:
O professor: Qual é o animal mais incompleto além do homem?
O aluno: A mulher.

Na aula de História.
O professor: O que são viagens de circum-navegação?
A aluna: São viagens à volta da Terra.
O professor: Mas em quê?
A aluna: Em avião.

OLIMPYA

estreia em breve a comédia em 3 actos

Amor por um mês

as cenas desenrolam-se nas ruas da cidade,
com o último acto no parque florestal

PROTAGONISTAS:

Barão Rufinni e Fatimi Ribevani

e todo um elenco de figurantes do 7.º ANO-G